AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Dados de crédito, início da safra de resultados dos bancos do 3T24 e bateria de indicadores movimentam a semana

Como de costume na última semana do mês, a agenda é bastante movimentada, com destaque para os números de setembro do mercado de crédito, que segundo a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban, se manteve com um bom dinamismo no fechamento do 3º trimestre. Segundo a pesquisa, o saldo total deve crescer 1,2% em setembro, com alta disseminada entre as carteiras. Assim, o ritmo de expansão anual da carteira deve se manter estável em 10,1%. As surpresas positivas com o crescimento da economia e com o mercado de trabalho têm permitido uma expansão robusta do crédito neste ano. Veja mais detalhes da Pesquisa nas páginas 7 e 8. Os números oficiais serão divulgados pelo Banco Central na quarta-feira (30).

Ainda no setor bancário, a semana traz os primeiros resultados da temporada de balanços referente ao 3º trimestre, com números do Santander, na terça (29); e, Bradesco, na quinta (31). No caso do Santander, o consenso dos analistas projeta um lucro líquido de R$ 3,5 bi no período, equivalente a uma alta de 5,7% no trimestre e de 29,0% ante o mesmo período de 2023. Já o Bradesco deve registrar lucro de R$ 5,1 bi, com avanço de 9,0% na margem e de 11,3% na comparação anual. Em geral, a expectativa é positiva para os principais bancos do país no trimestre, em função do crescimento da carteira de crédito, especialmente nas linhas voltadas para o consumo das famílias, impulsionando a margem com clientes; assim como, pelos níveis mais moderados de inadimplência, que deve manter sob controle os gastos com PDD. O quadro na parte de baixo desta página traz as datas de divulgação e as projeções do mercado para os bancos de capital aberto no Brasil.

As atenções também estarão voltadas para os números de setembro do mercado de trabalho, que devem mostrar que o segmento segue aquecido, sugerindo que o consumo deve se manter em alta no fim do ano, ainda que com alguma acomodação. O Caged divulga os números do setor formal na quarta (30), com previsão de criação líquida de 222,6 mil postos de trabalho no mês, ainda acima do observado em set/23 (204,7 mil). Já o IBGE divulga a taxa de desemprego na quinta (31), que deve cair para 6,5% (ante 6,6%), renovando o menor patamar histórico da série para o período. Os analistas também estarão atentos à evolução dos salários, que têm alimentado as preocupações com a trajetória da inflação.

Em relação à atividade, a indústria deve fechar o 3º trimestre no campo positivo, reforçando a expectativa de um novo crescimento da economia no período. O IBGE divulga o resultado na sexta (1), com alta esperada de 0,9% em setembro. Com isso, a produção industrial deve crescer 1,3% no 3º trimestre, com alta tanto da indústria extrativa, após 2 trimestres em queda, quanto do segmento de transformação, que tem mostrado números positivos ao longo de 2024.

Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 3T24

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido no 3T24 - Em R$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual
Santander	29/out	3.520,9	5,7%	29,0%
Bradesco	31/out	5.141,6	9,0%	11,3%
Itaú	04/nov	10.370,8	3,0%	14,7%
Pan	06/nov	221,8	16,7%	24,8%
ABC	07/nov	241,5	-3,4%	5,8%
BMG	07/nov	103,0	-1,9%	43,1%
Banrisul	12/nov	251,9	1,8%	97,7%
BTG Pactual	12/nov	3.142,0	11,3%	19,8%
Banco do Brasil	13/nov	9.423,9	-0,8%	7,3%
Pine	13/nov	-	-	-
Nubank	13/nov	-	-	-
Inter	14/nov	254,4	14,3%	144,3%
XP	Sem data	1.216,9	8,9%	12,0%

Fonte: RI dos bancos.
Projeção: Bloomberg.

AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

No campo fiscal, as contas públicas devem mostrar novos déficits em setembro, apesar do intenso crescimento da receita. O Tesouro divulga o resultado primário do governo central na quarta (30) e o Banco Central divulga o resultado consolidado do setor público na quinta (31), com o consenso projetando déficits de R$ 5,6 bi e R$ 8,5 bi, respectivamente. O resultado do governo central deve ser pior do que o superávit de R$ 12,0 bi registrado em setembro de 2023, quando o Tesouro se apropriou de cerca de R$ 25,0 bi de "recursos esquecidos" nas contas do PIS/Pasep. Contudo, desconsiderando tal efeito, o resultado deve mostrar alguma melhora na comparação com o mesmo período do ano passado, impulsionado pelo forte desempenho da arrecadação, além da concentração dos gastos no 1º semestre do ano.

A semana também traz dados de inflação, sondagens de confiança e números do setor externo. A FGV divulga o IGP-M de outubro na quarta (30), que deve subir 1,50% pressionado pelos produtos agrícolas no atacado, que ainda devem mostrar os efeitos da seca. Se confirmado, o índice acumulará variação de 5,57% em 12 meses (ante 4,53%). A Fundação também divulga os indicadores de confiança do setor empresarial ao longo da semana, que assim como os consumidores, devem mostrar alguma piora no mês. Já o Banco Central informa os números do setor externo de setembro na terça (29), que deve mostrar déficit em transações correntes de US$ 5,0 bi, bem pior que do que o superávit de US$ 0,3 bi em set/23, em razão do aumento das importações, acumulando um déficit de 1,96% do PIB em 12 meses.

A agenda internacional também está bastante movimentada, especialmente nos EUA, onde será conhecida a leitura preliminar do PIB do 3º trimestre, dados de emprego, renda e inflação. Em relação ao PIB, o consenso do mercado projeta um crescimento anualizado de 3,0% no 3T24 (ou 0,7% na margem), mantendo o bom ritmo de crescimento observado no 2T24. O resultado deve seguir sustentado pelo consumo das famílias e reforçar a percepção que a economia norte-americana segue sólida, sem sinais aparentes de uma desaceleração mais acentuada, fato que deve levar o Fed a ser mais cauteloso no processo de flexibilização monetária. O resultado será divulgado na quarta-feira (30).

Quanto ao mercado de trabalho, o *payroll* será conhecido na sexta (1) e tem expectativa de criação de 110 mil vagas de emprego em outubro, desacelerando após a surpresa positiva de setembro (254 mil). A taxa de desemprego, por sua vez, deve permanecer estável em 4,1%. Um dia antes, na quinta (31), serão divulgados os dados de renda e gastos pessoais, que devem indicar que o consumo das famílias continua em expansão neste 4T24. Em conjunto, os dados devem apontar que o mercado de trabalho e a renda das famílias seguem como vetores positivos para a economia dos EUA neste fim de ano.

Ainda nos EUA, em relação à inflação, será divulgado na quinta (31) o índice PCE, deflator de gastos de consumo pessoal, que deve seguir se aproximando da meta de 2%. O consenso estima alta de 0,2% em setembro, atingindo 2,1% no acumulado em 12 meses (ante 2,2%). O núcleo, por sua vez, deve se manter mais resistente, desacelerando apenas ligeiramente, para 2,6% (ante +2,7%) na métrica anual.

Na Zona do Euro, a agenda também traz a prévia do PIB do 3T24, na quarta (30). A expectativa é de uma ligeira expansão de 0,2% ante o trimestre anterior, igual ao registrado no 2T24, mantendo, assim, o quadro de relativa estagnação da economia do continente. Na semana, também será conhecida a prévia da inflação de outubro, cuja expectativa é de alta de 0,2% no mês, acelerando para 1,9% nos últimos 12 meses (ante +1,7% em set/24), mas ainda abaixo da meta de 2%, permitindo que o BCE prossiga com o ciclo de corte dos juros no bloco.

Na China, serão divulgados os índices PMI e Caixin do mês de outubro, que devem manter o quadro de apreensão com o ritmo de expansão da economia chinesa. Os resultados serão conhecidos na quarta (30) e quinta (31), respectivamente.

A próxima página traz a agenda completa de indicadores, com as datas de divulgação e projeções de mercado.

INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
28-30/out	FGV: Sondagens de Confiança	Out/24	-	-
29/out	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Set/24	US$ -5,0 bi	US$ -6,6 bi
30/out	BCB: Estatísticas de Crédito	Set/24	1,2% m/m* 10,1% a/a*	0,9% m/m 10,1% a/a
30/out	Tesouro: Resultado Primário do Governo Central	Set/24	R$ -5,6 bi	R$ -22,4 bi
30/out	FGV: IGP-M	Out/24	1,50% m/m 5,57% a/a	0,62% m/m 4,53% a/a
30/out	Caged: Geração de Vagas Formais de Trabalho	Set/24	222,6 mil	188,0 mil
31/out	PNAD: Taxa de Desemprego	Set/24	6,5%	6,6%
31/out	BCB: Estatísticas Fiscais	Set/24	R$ -8,5 bi	R$ -21,4 bi
01/nov	IBGE: Produção Industrial (PIM)	Set/24	0,9% m/m 3,4% a/a	0,1% m/m 2,2% a/a

Fonte: Bloomberg. *Pesquisa Especial de Crédito da Febraban.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
29/out	EUA	Confiança do Consumidor (*Conf. Board*)	Out/24	99,3 pts	98,7 pts
30/out	Zona do Euro	PIB	3º tri/24 – prévia	0,2% t/t	0,2% t/t
30/out	EUA	PIB	3º tri/24 – prévia	3,0% t/t (anualizado)	3,0% t/t (anualizado)
30/out	Zona do Euro	Confiança do consumidor	Out/24 – final	-12,5 pts	-13,8 pts
30/out	China	PMI Manufatura e Serviços	Out/24	50,0 pts / 50,5 pts	49,8 pts / 50,0 pts
31/out	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Out/24 – prévia	0,2% m/m 1,9% a/a	-0,1% m/m 1,7% a/a
31/out	EUA	Renda e Gastos Pessoais	Set/24	0,3% m/m 0,4% m/m	0,2% m/m 0,2% m/m
31/out	EUA	Deflator dos Gastos de Consumo Pessoal (PCE)	Set/24	0,2% m/m 2,1% a/a	0,1% m/m 2,2% a/a
31/out	China	PMI Caixin Manufatura	Out/24	49,7 pts	49,3 pts
01/nov	EUA	Dados do Mercado de Trabalho Geração de Vagas /Taxa de Desemprego	Out/24	110 mil / 4,1%	254 mil / 4,1%
01/nov	EUA	ISM / PMI Manufatura	Out/24	47,6 pts / 47,8 pts	47,2 pts / 47,3 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

IPCA-15 reforça preocupação com inflação, enquanto arrecadação segue em forte alta

O IPCA-15, considerado a prévia da inflação oficial, subiu 0,54% em outubro, voltando a mostrar números mais pressionados (ante 0,13% em setembro) e com uma composição ruim. Com o resultado, o índice acelerou de 4,12% para 4,47% no acumulado em 12 meses, aproximando-se do teto da meta (4,50%).

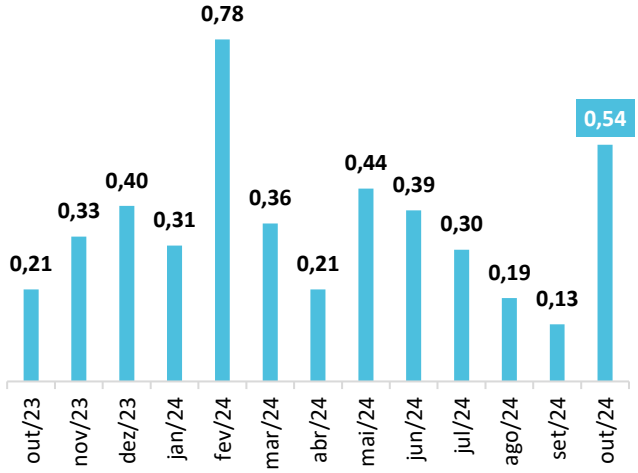
Cerca de 2/3 da inflação do mês foi puxada pelos preços da energia e dos alimentos no domicílio, ambos pressionados pelas condições climáticas desfavoráveis (seca). No caso da energia elétrica (+5,29%), pesou o acionamento da bandeira tarifária vermelha nível 2 (ante nível 1 em setembro). Já a alimentação no domicílio passou de -0,01% no mês anterior para alta de 0,95% em outubro, refletindo principalmente a alta das carnes (+4,18%) e do leite (+1,49%), com as secas prejudicando a pastagem para o gado.

Na outra direção, o grupo transportes (-0,33%) foi o único a mostrar deflação no mês, refletindo a queda dos preços das passagens aéreas (-11,40%), a gratuidade das tarifas de ônibus (-2,49%), trem (-1,59%) e metrô (-1,28%) no dia do primeiro turno das eleições, assim como a estabilização do preço dos combustíveis (-0,01%).

Do ponto de vista qualitativo, houve uma piora generalizada nas principais métricas acompanhadas. Embora a energia elétrica e os alimentos tenham dado a maior contribuição para a inflação do mês, o coeficiente de difusão mostrou que a alta dos preços foi mais espalhada na economia, subindo de 55,0% para 58,3% dos itens pesquisados. Já a média dos núcleos acompanhados pelo BCB acelerou de 3,62% para 3,83% em 12 meses, enquanto os serviços subjacentes voltaram a rodar acima de 5%, passando de 4,6% para 5,1%. Na mesma direção, a inflação dos itens industriais também acelerou (de 1,36% para 1,63%), refletindo, em boa parte, os recentes choques no câmbio, embora ainda se mantendo num patamar contido.

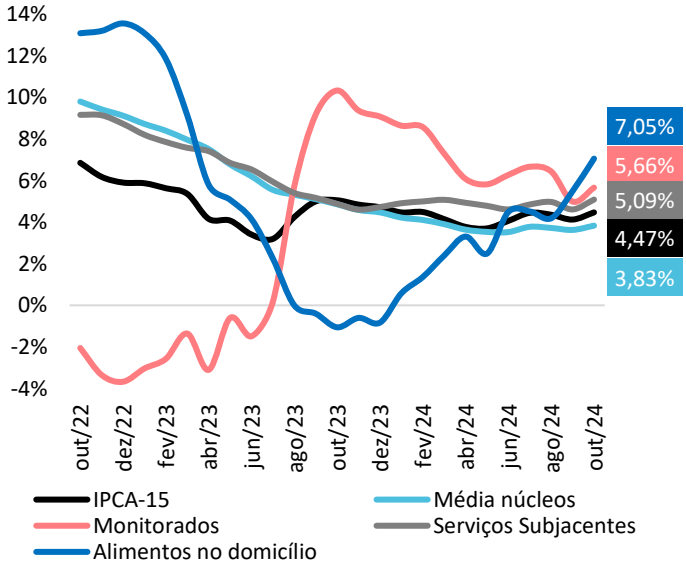
No geral, o dado de outubro aumenta a preocupação com a dinâmica da inflação, que pode fechar o ano acima do teto da meta. Apesar da variação mais elevada da inflação no mês refletir, em boa parte, choques de oferta (questões climáticas), a piora das métricas qualitativas também preocupa. Assim, a inflação mais pressionada no curto prazo, somado às expectativas desancoradas, hiato do produto positivo e câmbio desvalorizado devem levar o Copom a intensificar o ritmo de aperto monetário em sua próxima reunião, com aumento de 0,50 pp da taxa Selic.

Quadro 1: IPCA-15 – Var.% mensal



Fonte: IBGE

Quadro 2: IPCA-15 e outras métricas - Var.% acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE

No campo fiscal, a Receita Federal informou que a arrecadação federal de impostos segue crescendo de forma expressiva. Em setembro, a arrecadação foi de R$ 203,2 bilhões, alta real de 11,5% ante set/23 e acima das expectativas (R$ 200,6 bi).

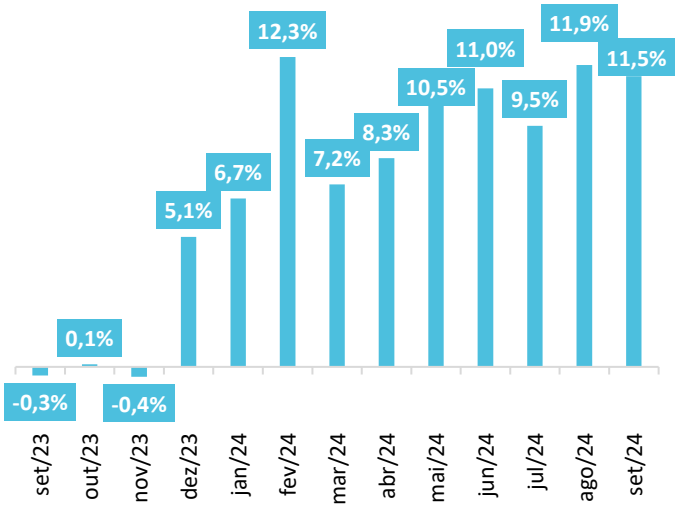
A alta da arrecadação foi disseminada entre os diferentes tributos, com destaque para o crescimento do PIS/Cofins (+18,9%), receita previdenciária (+6,3%) e imposto de importação (+44,3%), que deram as maiores contribuições em termos monetários em relação ao desempenho da arrecadação de setembro de 2023. O resultado reflete a atividade econômica e o mercado de trabalho aquecidos, o câmbio mais depreciado (que beneficia a arrecadação com o impostos de importação), além das medidas implementadas pela Ministério da Fazenda desde o ano passado para elevar as receitas. Além disso, também houve recebimento de R$ 3,7 bi em impostos diferidos pela crise do RS.

Com o resultado, a arrecadação federal de impostos acumula alta real de 9,7% no ano (jan-set). Já nos últimos 12 meses, a arrecadação atingiu R$ 2,6 trilhões ou 22,5% do PIB, novo recorde, ultrapassando a marca de 22,4% do PIB atingida em abril de 2008, no auge do crescimento econômico impulsionado pelo boom de *commodities*. Assim, fica claro que a estratégia do Ministério da Fazenda, combinada com o bom desempenho da atividade, foi exitosa em recuperar as receitas do governo federal. Por sinal, o desempenho significativo da arrecadação tem tornado mais provável o cumprimento da meta fiscal neste ano.

Contudo, nota-se que, apesar do desempenho recorde da arrecadação, o governo central deve registrar déficit primário próximo a R$ 70 bi neste ano. Tal quadro sinaliza que é necessário focar a partir de agora em medidas pelo lado das despesas para controlar o déficit público.

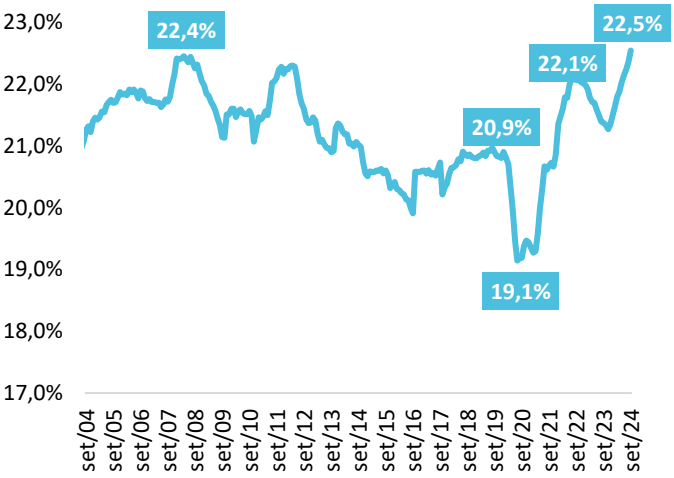
A FGV apontou que a confiança dos consumidores recuou 0,7 pp em outubro, para 93,0 pontos, revertendo uma sequência de quatro altas consecutivas. A queda foi influenciada pela piora das expectativas em relação ao futuro, especialmente em itens como perspectiva das finanças próprias, da economia e ímpeto de compra de bens duráveis. Além disso, foi relativamente disseminada entre todas as faixas de renda (exceto entre famílias com renda entre R$ 2,1 mil a R$ 4,8 mil). O resultado pode ser reflexo da aceleração recente da inflação e do início do novo ciclo de alta dos juros, apesar do mercado de trabalho ainda aquecido. O dado reforça a percepção que a atividade econômica deve mostrar alguma moderação neste fim de ano.

Quadro 3: Arrecadação Federal de Impostos
Var.% real ante o mesmo mês do ano anterior



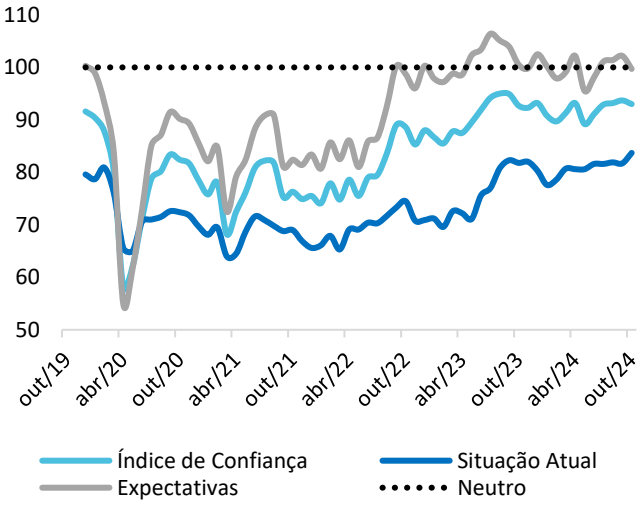
Fonte: RFB

Quadro 4: Arrecadação Federal de Impostos
Acum. 12 meses - % do PIB



Fonte: RFB

Quadro 5: Confiança das Famílias
Em pontos



Fonte: FGV

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Incerteza com resultado das eleições pressiona o rendimento das *Treasuries* nos EUA

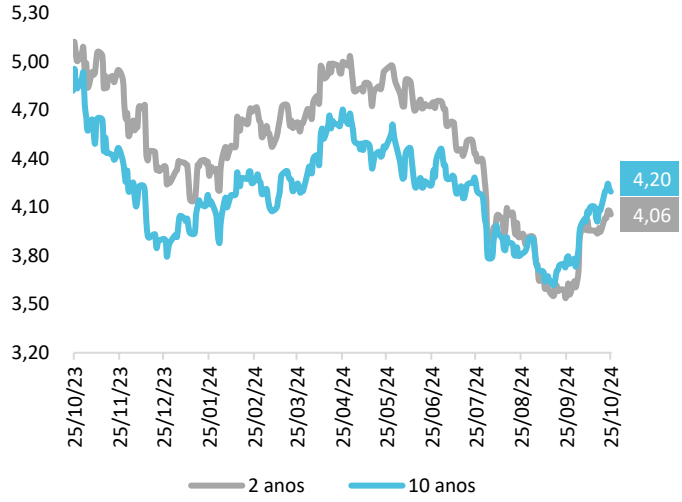
O destaque da semana foi o rali das taxas de juros das *Treasuries* nos EUA, cujos rendimentos retornaram para o nível de julho, devolvendo boa parte da queda observada desde então, quando o Fed sinalizou que iniciaria o processo de queda dos juros. Apesar disso, o impacto foi relativamente moderado sobre as bolsas, com queda do índice Dow Jones e S&P, mas alta do Nasdaq na semana.

Um dos catalisadores deste movimento tem sido as incertezas com o resultado da eleição norte-americana, onde o ex-presidente e candidato Republicano à presidência, Donald Trump, voltou a ter vantagem sobre Kamala Harris (Democrata) no mercado de apostas. A percepção é que sua agenda de corte de impostos e tarifas de importação mais elevadas podem elevar a inflação e os juros no país. Em adição, dados ainda positivos de atividade e a revisão para cima das projeções do FMI tem mostrado que a economia dos EUA segue forte, indicando que o Fed não precisa ter pressa para cortar os juros. Neste sentido, o mercado segue apostando em mais dois cortes de 0,25 pp nas duas últimas reuniões do ano, mas já existem dúvidas sobre a necessidade de seguir com tal processo no início de 2025.

Quanto aos dados, as prévias dos índices PMIs de outubro surpreenderam para cima nos EUA, voltando a reforçar a resiliência da atividade no país. O setor de serviços contrariou a expectativa de queda e subiu ligeiramente, de 55,2 pts para 55,3 pts, ficando pela 5ª vez acima da marca de 55 pts. A indústria também subiu, para 47,8 pts, mas segue abaixo do nível neutro (50 pts). Na mesma direção, a leitura final do indicador de confiança do consumidor da Universidade de Michigan atingiu 70,5 pts em outubro (ante 70,1 em set/24), o maior valor dos últimos 6 meses, na esteira da desaceleração da inflação. Já o Livro Bege, relatório publicado pelo Fed, reforçou o cenário de que o mercado de trabalho segue forte, enquanto os preços vão desacelerando, ainda que lentamente. Com isso, fica a impressão de que a economia norte-americana segue caminhando para um caminho de "pouso suave" ou "sem pouso", que significa controle de inflação, com continuidade do nível de atividade e emprego em alto patamar.

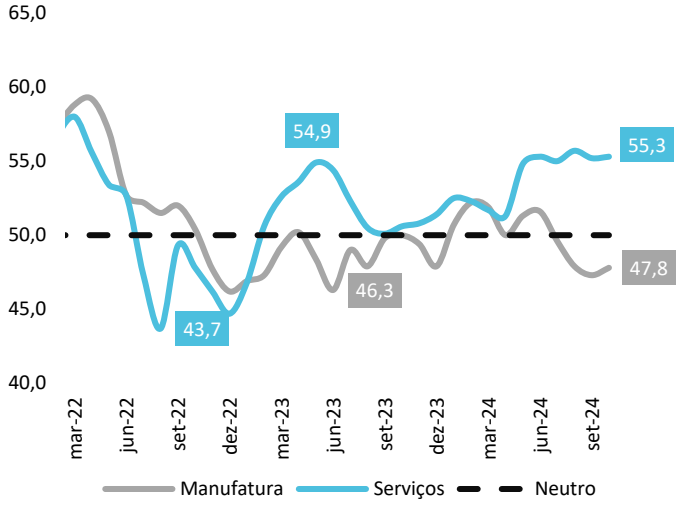
Na Zona do Euro, o índice PMI mostrou que a indústria da região apresentou algum respiro e subiu para 45,9 pts em outubro (ante 45,0 pts em set/24), saindo das mínimas. Já o indicador do setor de serviços mostrou arrefecimento, com queda para 51,2 pts (ante 51,4 pts), puxado para baixo pela França, com o fim dos eventos esportivos (Olimpíadas), enquanto na Alemanha, o setor mostrou alguma melhora.

Quadro 6: EUA – Rendimentos das *Treasuries* de 2 e 10 anos (Em % aa)



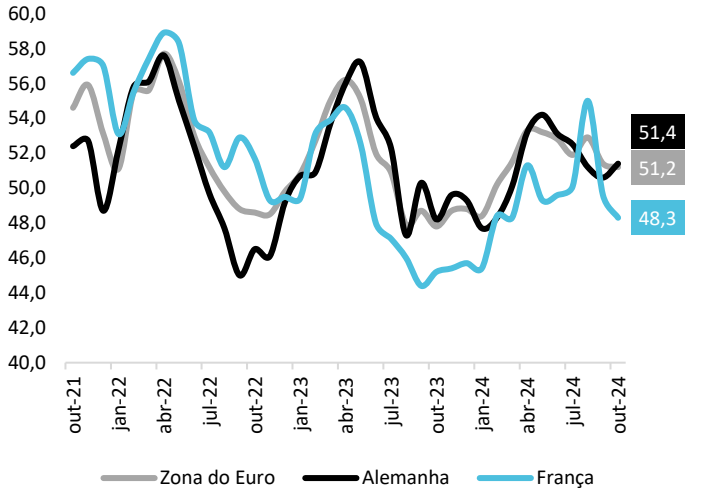
Fonte: Bloomberg.

Quadro 7: EUA – PMI Manufatura e Serviços Em pontos



Fonte: Bloomberg.

Quadro 8: Zona do Euro – PMI Serviços Em pontos



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

CRÉDITO / BANCOS

Ritmo de expansão do crédito deve se manter estável em setembro

O saldo total da carteira de crédito deve crescer 1,2% em setembro, aponta a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Com o resultado, o ritmo de expansão anual da carteira deve se manter estável em 10,1%.

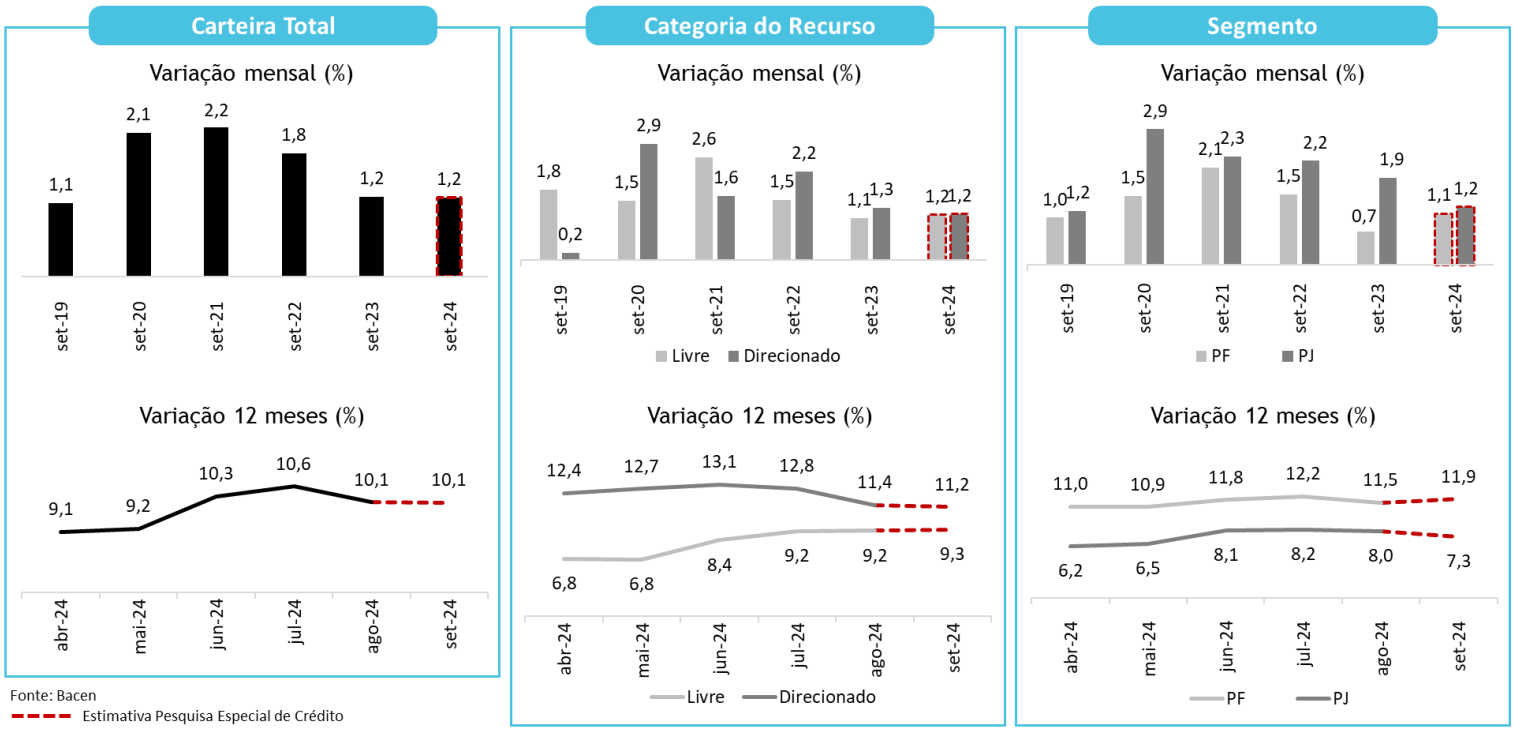
No mês, o crescimento deve se mostrar disseminado entre os recursos e segmentos. O crédito às empresas deve crescer 1,2%, com a maior alta vindo da carteira livre (+1,5%), beneficiada pela sazonalidade positiva das linhas de fluxo de caixa (desconto de recebíveis e antecipação de faturas), típica no fechamento de trimestre. Apesar do avanço, o resultado deve ser mais fraco do que o apresentado em 2023, o que deve gerar alguma perda de fôlego no ritmo de expansão anual da carteira PJ Livre (de 7,2% para 6,4%), que vinha acelerando nos últimos 4 meses. Já a carteira PJ Direcionada deve crescer 0,8% em setembro, puxada pelos financiamentos com recursos do BNDES e programas públicos.

O crédito destinado às famílias, por sua vez, deve avançar 1,1% no mês. A maior alta deve vir da carteira PF Direcionada (+1,3%), impulsionada pelo crédito rural (novo Plano Safra), ainda que abaixo da expansão observada nos últimos anos. Já a carteira PF Livre deve crescer 0,9%, com manutenção do avanço das linhas de financiamentos de veículos, crédito pessoal e cartão à vista, favorecidas pelo aumento do emprego e da renda. Com isso, a carteira PF Livre deve voltar a ganhar tração, acelerando de 10,7% para 11,6%, puxando o desempenho do crédito total às famílias (de 11,5% para 11,9%).

No geral, os números de setembro indicam que o mercado de crédito manteve seu bom dinamismo até o final do 3º trimestre, especialmente no segmento de recursos livres, mais sensível às condições econômicas. As surpresas positivas com o crescimento da economia e com o mercado de trabalho, que ainda se mostra aquecido, têm permitido uma maior expansão do crédito.

Apesar do novo ciclo de aperto monetário, a expectativa é que o ritmo de expansão do crédito se mantenha no patamar de dois dígitos até o fim do ano. Uma reversão deste quadro exigiria uma piora importante no cenário macroeconômico, algo que não está no radar, ao menos por enquanto.

Quadro 9: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Fonte: Bacen

Estimativa Pesquisa Especial de Crédito

Nota Metodológica: As variações são calculadas tendo como base os valores oficiais divulgados pelo Banco Central.

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

Em relação às concessões, a Pesquisa aponta retração de 4,4% em setembro. Ajustando pelo número de dias úteis, no entanto, o volume de concessões deve ficar praticamente estável, em 0,1%.

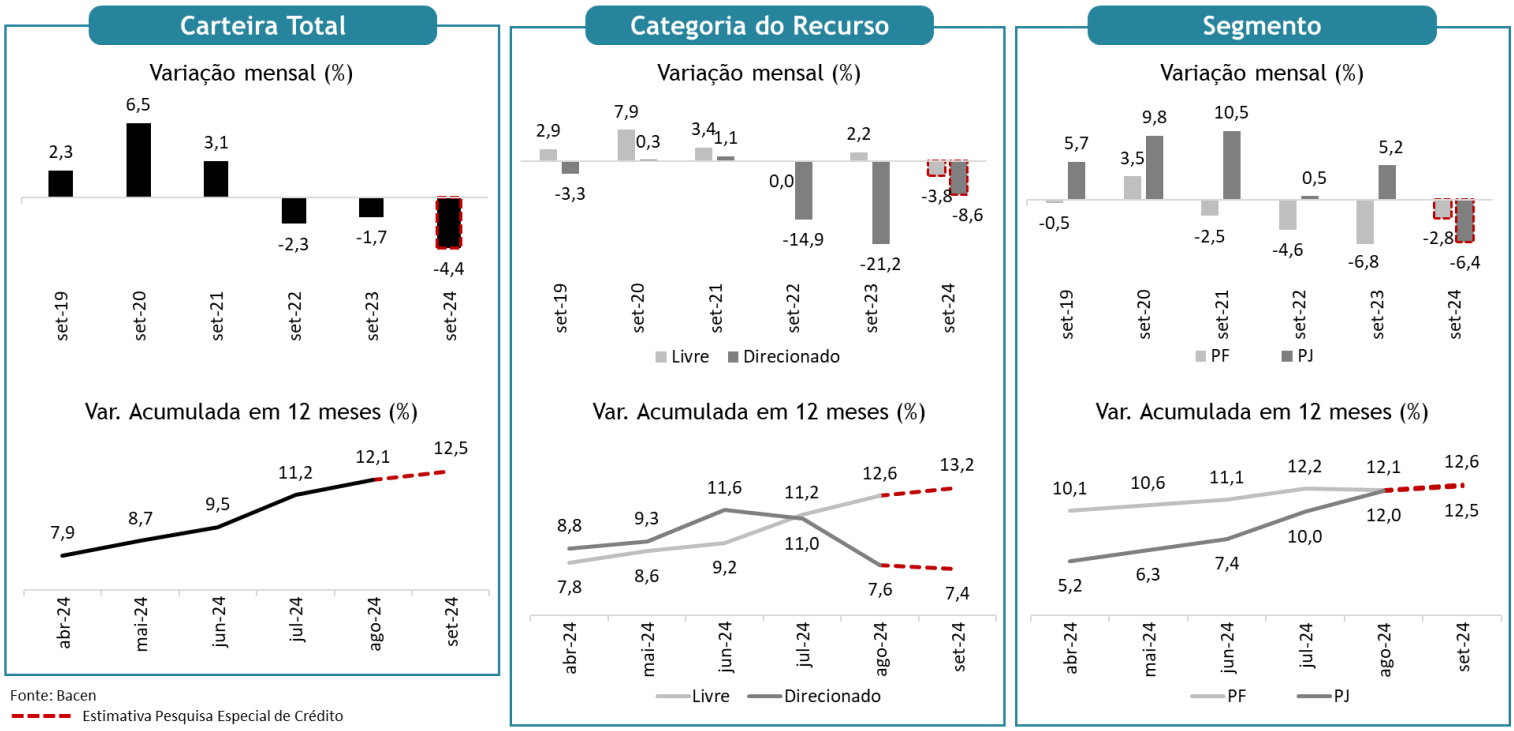
A estabilidade no mês (ajustada por dias úteis) reflete, de um lado, o maior volume de operações com recursos livres (+0,8%), com destaque para o crédito destinado às famílias, diante de um cenário de forte aumento do consumo; e, do outro, queda das operações direcionadas (-4,3%).

No caso das operações direcionadas, o menor volume na margem reflete a elevada base de comparação do crédito rural, devido ao maior volume de concessões do Plano Safra no início do programa, bem como das linhas de financiamentos com recursos do BNDES e de "outros créditos direcionados" (que inclui os programas públicos), que foram impulsionadas nos últimos meses pelas medidas de auxílio ao Rio Grande do Sul.

Na visão acumulada em 12 meses, o volume de concessões deve seguir acelerando, passando de uma alta de 12,1% em agosto para 12,5% em setembro, reforçando o cenário positivo apresentado pelo mercado de crédito neste ano.

A divulgação da Nota de Política Monetária e Crédito pelo Banco Central está programada para o próximo dia 30 de outubro. Para ver o resultado completo da pesquisa, clique aqui.

Quadro 10: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Fonte: Bacen
Estimativa Pesquisa Especial de Crédito
Nota Metodológica: As variações são calculadas tendo como base os valores oficiais divulgados pelo Banco Central.

Boletim do Mercado de Capitais Anbima – Set/24

CRÉDITO / BANCOS

A Anbima divulgou o boletim do mercado de capitais doméstico que registrou captação de R$ 47,5 bilhões em setembro. Embora siga em patamar elevado, o resultado traz novo sinal de arrefecimento, após números expressivos observados até o mês de julho. A acomodação em setembro foi mais clara do que a registrada em agosto, uma vez que o volume ficou abaixo do registrado no mesmo mês de 2022 (R$ 50,8 bi) e de 2023 (R$ 65,2 bi), em termos reais.

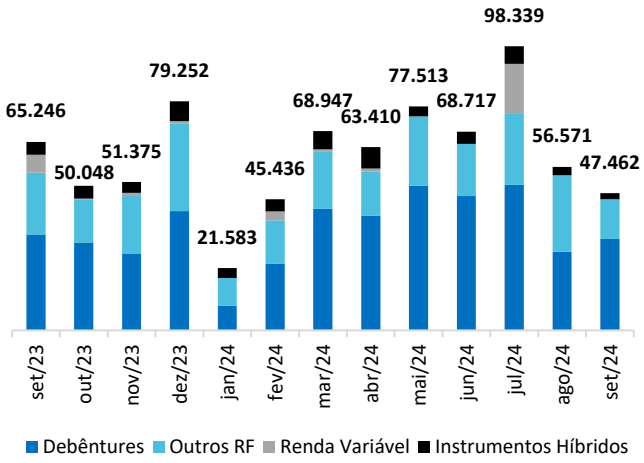
As debêntures seguem puxando as emissões no mercado de capitais, atingindo R$ 31,7 bi em setembro, mas com leve queda real ante o mesmo mês de 2023 (-4,6%), quando o mercado já dava sinais de recuperação da crise da Americanas/Light. Os demais instrumentos de renda fixa também perderam força neste comparativo, com queda real de 35,7% ante set/23. A queda foi puxada pelos menores volumes de captação das CRAs (-59,9%) e CRIs (-49,9%), diante do endurecimento nas regras de emissão de tais títulos. Por outro lado, houve ligeira alta na captação dos FIDCs (+8,2%).

Os instrumentos híbridos, por sua vez, também registraram queda da emissão (-53,7%) no mês, com recuos de magnitude similar dos Fiagros e FIIs. Além disso, novamente não houve emissão de instrumentos de renda variável. Este é o 5º mês do ano sem nenhuma emissão desta categoria (IPO ou follow-on).

No acumulado do ano, o volume de emissões atingiu R$ 548,0 bi, valor quase 2 vezes maior do que o observado de janeiro a setembro do ano passado (R$ 308,9 bi). A grande fonte de crescimento tem vindo das debêntures, com alta real de 113,2% neste comparativo. Mesmo em comparação com 2022, quando não houve estresse no mercado de capitais, as emissões em 2024 estão 23,5%, em termos reais, acima do registrado no mesmo período, também puxado pelas debêntures (+42,6%).

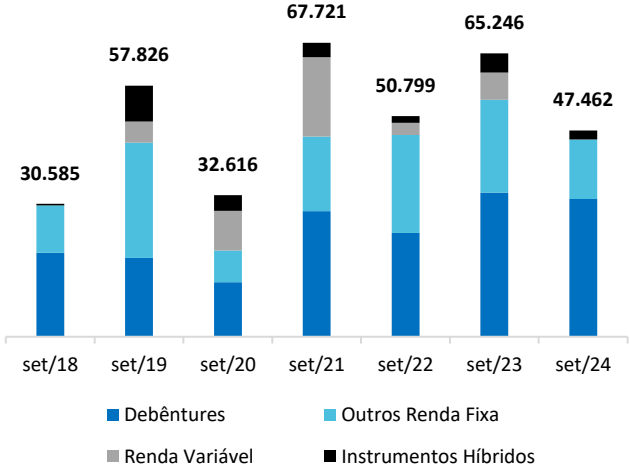
Portanto, na margem os números tem mostrado alguma acomodação, após o intenso crescimento observado até o mês de julho, diante do aumento das incertezas no cenário econômico e novo ciclo de aperto monetário. De toda forma, as emissões no mercado de capitais devem encerrar o ano próximo ao nível recorde observado em 2021 (R$ 697,1 bi, em termos reais). Assim, o mercado de capitais tem sido uma fonte importante de recursos para as empresas, limitando uma alta mais forte do crédito bancário. Contudo, muito concentrado em emissões de dívidas (debêntures e outros instrumentos de renda fixa), enquanto o mercado de *equity* segue paralisado, sem perspectiva de retomada.

Quadro 11: Captação no Mercado de Capitais Em R$ mi (IPCA de set/24)



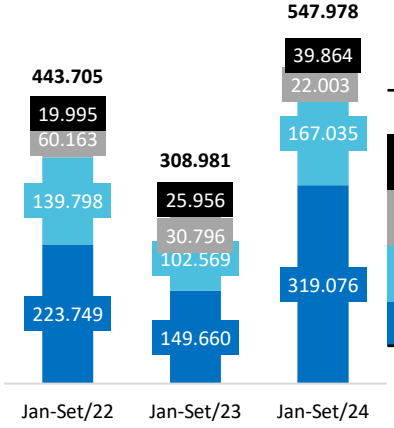
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 12: Captação no Mercado de Capitais Meses de Setembro - Em R$ mi (IPCA de set/24)



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 13: Volume de captação de janeiro a setembro – R$ mi (IPCA de set/24)



	Var. % 24/22	Var. % 24/23
Total	23,5%	77,4%
Instr. Híbridos	99,4%	53,6%
Renda Variável	-63,4%	-28,6%
Outros RF	19,5%	62,9%
Debêntures	42,6%	113,2%

Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Projeções World Economic Outlook – FMI – Out/24

Segundo o FMI, o crescimento global da economia deve ficar praticamente estável, desacelerando de 3,3% em 2023 para 3,2% em 2024 e 2025. Embora as revisões para a projeção desde abril tenham sido mínimas, mudanças compensatórias entre grupos de países refletem choques recentes e políticas adotadas tanto em economias emergentes como em desenvolvimento.

Após recuperação com a reabertura (pós-pandemia) em 2022, o crescimento nas economias avançadas desacelerou significativamente em 2023 (para 1,7%) e projeta-se que se mantenha estável em 1,8% em 2024 e 2025. Nos EUA, a projeção para 2024 foi revisada para cima, para 2,8% (+0,1 pp), impulsionada por resultados mais fortes no consumo e no investimento não residencial. Segundo o Fundo, a resiliência do consumo é, em grande parte, fruto de aumentos sólidos nos salários reais (especialmente entre famílias de renda mais baixa) e aumento da riqueza. Para 2025, espera-se que o crescimento desacelere para 2,2%, à medida que a política fiscal se torne gradualmente mais restritiva e a desaceleração do mercado de trabalho reduza o consumo. Na Zona do Euro, o crescimento parece ter chegado ao ponto mais baixo em 2023 (+0,4%). Espera-se uma recuperação do PIB para 0,8% em 2024, impulsionada por exportações, especialmente de bens. Para 2025, a projeção é de 1,2%, com maior demanda doméstica, consumo impulsionado por salários reais em alta e investimentos apoiados por uma gradual flexibilização monetária.

De forma semelhante, a expectativa de crescimento para as economias emergentes permanece praticamente estável nos próximos dois anos, em 4,2%. Em comparação com o último relatório (de abril), o crescimento para 2024 dessas economias foi revisado em +0,1 pp, refletindo melhorias nas projeções para os gigantes asiáticos (China e Índia). De toda forma, o crescimento na Índia deve desacelerar de 8,2% em 2023 para 7,0% em 2024 e 6,5% em 2025, refletindo o esgotamento da demanda reprimida durante a pandemia. Já na China, a desaceleração ante 2023 deve ser mais gradual. O crescimento deve cair apenas marginalmente, de 5,2% em 2023 para 4,8% em 2024 e 4,5% em 2025, acima da previsão anterior (+0,2 pp e +0,4 pp, nesta ordem). As revisões positivas são sustentadas por exportações acima do esperado, apesar da fraqueza no setor imobiliário.

Na América Latina, o FMI espera que o crescimento desacelere de 2,2% em 2023 para 2,1% em 2024, antes de voltar a subir em 2025, para 2,5%. No Brasil, a expectativa é de crescimento de 3,0% em 2024 e 2,2% em 2025, com forte revisão para este ano (+0,8 pp), impulsionada por um aumento no consumo privado e no investimento no 1º semestre, que têm sido beneficiados pelo mercado de trabalho aquecido, transferências governamentais e efeitos mais contidos do que o esperado das inundações no Rio Grande do Sul. No entanto, diante da política monetária ainda restritiva e a expectativa de um arrefecimento no mercado de trabalho, espera-se que o crescimento modere em 2025.

Em resumo, o FMI projeta um crescimento modesto e estável para a economia global nos próximos anos. As previsões indicam um desempenho ainda tímido das economias desenvolvidas, especialmente na Zona do Euro, onde a recuperação é lenta. A exceção são os EUA, que continuam surpreendendo com um consumo robusto. Já as economias emergentes apresentarão um crescimento abaixo da média histórica, refletindo a desaceleração na China e o esgotamento da demanda reprimida na Índia.

Quadro 14: Projeções FMI – *World Economic Outlook* (Out/24)

	Efetivo	Projeções FMI		Diferença para WEO de Abr/24	
	2023	2024	2025	2024	2025
Mundo	**3,3**	**3,2**	**3,2**	**0,0**	**0,0**
Economias Avançadas	1,7	1,8	1,8	0,1	0,0
EUA	2,9	2,8	2,2	0,1	0,3
Zona do Euro	0,4	0,8	1,2	0,0	-0,3
Emergentes	4,4	4,2	4,2	0,1	0,0
China	5,2	4,8	4,5	0,2	0,4
Índia	8,2	7,0	6,5	0,2	0,0
América Latina e Caribe	2,2	2,1	2,5	0,2	0,0
Brasil	**2,9**	**3,0**	**2,2**	**0,8**	**0,1**
México	3,2	1,5	1,3	-0,9	-0,1

Fonte: FMI.

MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2024				2025			
	25/10/24	18/10/24	27/09/24	Viés	25/10/24	18/10/24	27/09/24	Viés
IPCA (%)	**4,55**	4,50	4,37	▲	**4,00**	3,99	3,97	▲
PIB (% de crescimento)	**3,08**	3,05	3,00	▲	**1,93**	1,93	1,92	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	**11,75**	11,75	11,75	↔	**11,25**	11,25	10,75	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R$/US$)	**5,45**	5,42	5,40	▲	**5,40**	5,40	5,35	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	25/10/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R$/US$)	**5,71**	0,26%	4,74%	17,51%	14,26%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	**157,47**	2,94%	3,23%	18,88%	-15,75%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	**10,97**	0,83%	2,91%	-5,86%	-10,86%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	**12,57**	-0,09%	3,22%	25,23%	13,88%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	**12,80**	-1,33%	2,66%	27,01%	12,07%
Índice Ibovespa (em pontos)	**129.893,32**	-0,46%	-1,46%	-3,20%	15,12%
IFNC (setor financeiro)	**13.254,69**	-0,69%	-1,00%	-3,98%	18,03%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	**5,00**	0,00%	0,00%	-9,09%	-9,09%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	**4,10**	3,96%	12,73%	-3,42%	-18,55%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	**4,24**	3,85%	12,14%	9,30%	-12,48%
Dollar Index	**104,32**	0,80%	3,51%	2,95%	-2,14%
Índice S&P 500 (em pontos)	**5.808,12**	-0,96%	0,79%	21,77%	40,39%
Índice de ações de bancos – EUA	**114,52**	-3,64%	1,14%	4,57%	36,30%
Índice Euro Stoxx 50	**4.943,09**	-0,87%	-1,15%	9,33%	22,07%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	**144,79**	-2,23%	-0,28%	22,34%	35,36%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US$)	**75,95**	3,96%	5,82%	-1,41%	-13,62%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
Jayme Alves
Luiz Fernando Castelli
Daniel Casula
João Vítor Siqueira